

# Günter Grass diz que querem fazer dele “um monstro”

Conselho dos Judeus da Alemanha teme que revelação seja uma manobra publicitária

LUCINDA CANELAS

Nobel da Literatura Günter Grass está horrorizado com as reacções que a sua confissão de que pertenceu às Waffen SS aos 17 anos provocou dentro e fora da Alemanha.

A presidente do Conselho Central dos Judeus da Alemanha, Charlotte Knobloch, disse ontem ao diário *on line* *Netzeitung* que “o facto de esta confissão tardia ser feita pouco tempo antes de publicar um novo livro levanta a suspeita de que se trata de uma manobra de relações públicas”. Knobloch acrescentou que “o longo silêncio” de Grass “reduz a absurdo as suas declarações anteriores” sobre a forma como o país tem lidado com o passado nazi.

Numa entrevista dada sexta-feira à agência de notícias alemã DPA, o escritor disse ter a certeza de que muitos que o têm atacado nos últimos dias

o querem “desacreditar como pessoa” e transformar num “monstro”, e que só lhe resta esperar que leiam “atentamente” o seu novo livro, uma autobiografia. Grass agradeceu a todos os que o têm apoiado, como o historiador Norbert Frei e o romancista Martin Walser, ambos alemães, ou o escritor austríaco Robert Schindel.

Schindel revelou ao jornal *Die Presse* que Grass lhe contou há 20 anos que pertenceu àquela unidade do regime nazi. “Falou-me várias vezes disso em privado”, disse. “[Grass] lutou toda a vida à volta da maneira de o tornar público. Sempre foi uma ferida.”

Grass, 78 anos, autor de *O Tambor*, entre muitos outros, vai lançar a 1 de Setembro uma autobiografia (*Descascando a Cebola*, numa tradução literal) em que fala da juventude e aborda a passagem pelas SS.

O facto de só o ter revelado 60 anos depois levou muitos escritores e colunistas a acusarem-no de “oportunismo”.

“Só encontrei esta forma literária [a autobiografia] quando decidi escrever sobre a minha juventude”, disse Grass

à DPA, procurando explicar por que razão esperou seis décadas para confessar a ligação às SS. Garantiu, no entanto, que o tema central do livro não é a sua participação na temível força dos campos de extermínio.

Grass, que esteve nas SS entre Fevereiro e Abril de 1945 sem chegar a disparar, diz que no centro da autobiografia está a “ingenuidade” com que viveu os anos da guerra. “Como pude ir atrás dessa ideologia tão inocentemente? Por é que não fiz perguntas quando o meu tio foi executado por ter assaltado a estação de correios de Danzig em 1939? Por que não me questioneei quando o meu professor de Latim, que tinha dúvidas sobre a vitória final, desapareceu de repente?”

Grass recusou-se a comentar os pedidos para que devolva o grau honorário da cidade de Gdansk (onde nasceu, hoje Polónia) ou o Nobel da Literatura, que recebeu em 1999. O escritor também não reagiu aos ataques de intelectuais como o ex-Presidente da Polónia, Lech Walesa, o seu biógrafo, Michael Jürgs, e Joachim Fest, autor da aclamada biografia de Hitler. ■